

**JANAIR E SUA PAIXÃO: ECOS  
DA CONDIÇÃO NEGRA EM A  
PAIXÃO SEGUNDO G.H., DE  
CLARICE LISPECTOR**

*JANAIR AND HER PASSION:  
ECOS OF THE BLACK  
CONDITION IN THE PASSION  
SECOND G.H., OF CLARICE  
LISPECTOR*

**Natália Felix Amaral  
(UEMS)<sup>1</sup>**

**Ravel Giordano de Lima Faria Paz  
(UEMS)<sup>2</sup>**

---

<sup>1</sup> Mestranda do programa Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), área de concentração: Historiografia Literária, 79017043, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: nataliafelixam@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Letras Clássicas e Vernáculas, docente do programa Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), área de concentração: Historiografia Literária, 79114020, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: ravelgp@yahoo.com.br

**RESUMO:** O artigo atém-se à relação entre Janair e G.H., personagens do romance *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector, considerando a lógica de embate entre classes sociais distintas. Para tanto, focaliza-se mais detidamente a personagem Janair, que se constrói enquanto signo do oprimido dentro da obra, através de sua caracterização, bem como de sua posição subalterna na relação entre patroa e empregada. Por essas referências são revelados sentidos sociais fundamentais à diegese, ligados de maneira indissociável a processos históricos significativos na produção da desigual e excludente sociedade brasileira. Persegue-se, como elemento de interpretação, a questão racial que se avulta no texto e se consolida como aspecto fundante da personalidade de Janair, na qual se imbricam a animalização das características físicas próprias da população afro-brasileira, a reificação da trabalhadora doméstica, o silenciamento da mulher negra em tal condição e a vida precária a que está sujeita quando obrigada a morar no local de trabalho. A presente análise, ao esquadrihar a situação de Janair, espera contribuir com um novo olhar sobre a obra de Clarice, despindo-a da suposta alienação que lhe é comumente atribuída, apontando caminhos que podem ser trilhados na tentativa de melhorar a compreensão de seu trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** *A paixão segundo G.H.*; Clarice Lispector; Condição negra; Luta de Classes; Reificação.

**ABSTRACT:** The article focuses on the relationship between Janair and G.H., characters from the novel *The Passion According to G.H.* of Clarice Lispector, considering the logic of struggle between distinct social classes. In order to do so, the Janair character is focused more closely, as a sign of the oppressed within the work, through its characterization, as well as its subaltern position in the relationship between mistress and maid. By these references are revealed social meanings fundamental to diegese, inextricably linked to significant historical processes in the production of the unequal and excluding Brazilian society. As an element of interpretation, the racial question is explored in the

text and consolidates as a fundamental aspect of Janair's personality, in which the animalization of the physical characteristics of the Afro-Brazilian population, the reification of the domestic worker, silence of the black woman in such condition and the precarious life to which she is subject when forced to live in the workplace. The present analysis, in scrutinizing the situation of Janair, hopes to contribute with a new look on the work of Clarice, stripping it of the supposed alienation that is commonly attributed to it, pointing out ways that can be traced in the attempt to improve the understanding of her work.

**KEY-WORDS:** *The Passion according to G.H.*; Clarice Lispector; Black condition; Class struggle; Reification.

## Introdução

O presente artigo tem como pretensão apresentar uma leitura da personagem Janair, do romance *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector, compreendendo-a como um signo da exclusão social da população negra, índice de reificação e, sobretudo, componente da luta de classes instaurada na relação patroa *versus* empregada. Com isso, objetivamos contribuir com a massa crítica acerca da autora e ampliar as possibilidades de reflexão e de utilização de sua obra como base para discussões a respeito do processo de constituição da sociedade brasileira; isso por meio do questionamento da história oficial sobre o processo de transição do trabalho escravo para o “trabalho livre” no Brasil, bem como seus impactos na sociedade atual, desvelando o engodo da assinatura da Lei Áurea enquanto solução única e definitiva da questão, como apregoa a oficialidade em seu ímpeto de personalização histórica e desprezo pelo poder transformador das lutas coletivas. A opção de focalizarmos Janair, mesmo que esta não seja a personagem principal da obra, deve-se ao fato desta ser índice de tantos aspectos ligados à questão social, em especial à questão negra, silenciadas em G.H.

Ao analisarmos as críticas a respeito do trabalho da autora, verificamos que muitas delas focam numa série de elementos narrativos, signatários do existencialismo ou mesmo sobre a questão feminina. Este trabalho, no entanto, visa discutir o social presente no romance, sem que isso seja impedimento para análise de outros elementos que coexistem em sua produção. A obra escolhida - que propicia ambos os tipos de análise, pois conta apenas com personagens femininas e tem forte viés existencialista - também apresenta a relação de trabalho doméstico, que é demasiadamente íntima por definição, afinal se dá no ambiente privado e restrito da casa da patroa. Tal relação de trabalho se mescla com a vida pessoal de ambas, criando uma intimidade ilusória, que é prontamente rompida na narrativa e revela as bases históricas através das quais esse tipo de profissão se consolidou.

O romance retrata a experiência de G.H. ao se deparar com uma barata no quarto de empregada de seu apartamento, logo após seu esvaziamento em decorrência da demissão desta. Isso desencadeia uma tomada de consciência do conflito latente entre a proprietária do apartamento e a trabalhadora que ali dormia, finalizada apenas através da inesperada manducação da barata. Como é frequente em Clarice, a obra não apresenta variedade de ação ou nós narrativos que permitam grande quantidade de elementos a apresentar em sua sinopse, pois uma das marcas de sua escrita é a forma como orchestra torrentes de significados, sensações e metáforas dentro da diegese. O enfrentamento do quarto vazio se apresenta como um pretexto para uma viagem em direção ao humano sob os escombros da sociedade. Apenas duas personagens dividem a narrativa, G.H., a patroa, e Janair, a empregada, que havia pedido demissão no dia anterior e sem o cumprimento de aviso prévio. Assim, quando a narrativa se inicia esta não se faz mais presente, ao menos fisicamente, no apartamento: sua existência se engendra a partir de uma spectralidade fantasmagórica que, paradoxalmente, se torna cada vez mais presente através da memória de G.H., como se sua

presença fosse aos poucos sendo construída e tomando força diante dos olhos do leitor.

A questão espacial é significativa e foi concebida segundo a lógica de oposição que vigora por toda a obra. O apartamento é amplo, bem decorado, com abundância de móveis, fotos e cortinas, numa extensão de sombras e umidades que combinam com a “elegância” de uma cobertura - não se tratando, portanto, de um simples apartamento, pois da cobertura “domina-se uma cidade” (LISPECTOR, 2009, p.29). Em contraposição, o quarto de empregada é árido: demasiadamente iluminado pela luz solar, abriga somente dois móveis, uma cama esfarrapada e um armário esturricado pelo sol, tendo como único ornamento um mural no qual se visualiza contornos de um homem, de uma mulher e de um cachorro que não tocam o chão ou o teto. A imagem foi criada por Janair, que, de maneira primitiva, utilizou apenas um carvão, como forma de registro de sua passagem pelo local. A única vida que naquele momento ali se encontra é a barata escondida no armário. Obviamente, tal construção espacial não se dá de modo casuístico, mas sim pelo fato de as personagens manterem forte relação com o espaço que habitam; a contraposição dos mesmos se dá como uma continuidade da oposição de suas personalidades. G.H. descreve sua identidade ligando-se a seus objetos e pertences, chegando a constatar que sua realização era ser G.H. até nas valises (LISPECTOR, 2009, p.25), Janair, por sua vez, através de seu precário desenho, buscou personalizar dentro de suas possibilidades aquele espaço pelo qual passaram tantas mulheres sem rosto, sem identidade e sem memória.

A patroa é a narradora da obra e por isso fica sob sua responsabilidade a apresentação de Janair; destarte tudo aquilo que sabemos a seu respeito guarda o viés daquela, fortemente perpassado pelo aspecto senhorial de sua posição. Reforçando tal aspecto, Clarice utiliza um vocabulário no qual a violência da separação entre as duas fica evidente; ao menos é assim que entendemos a utilização

do termo “criada” numa passagem em que o caráter antagônico das personagens começa a ser revelado e a palavra é utilizada para reforçá-lo:

Da porta [do quarto] eu via agora que tinha uma ordem calma e vazia. Na minha casa fresca, aconchegante e úmida, a criada sem me avisar abria um vazio seco. Tratava-se agora de um aposento todo limpo e vibrante como num hospital de loucos onde se retiram os objetos perigosos (LISPECTOR, 2009, p. 37).

### **Janair *versus* G.H.: polos opostos do mesmo apartamento**

Uma das características fundamentais de Janair é o silêncio, à vista disso não encontramos na narrativa nenhuma frase, ainda que por meio de discurso indireto, que tenha saído de sua boca. Tal silêncio se constrói como um silenciamento decorrente da posição subalterna em que se encontra e, principalmente, por não ser a narradora ou personagem principal do livro. Em igual medida o silêncio afeta sua atividade laboral de empregada doméstica, categoria que, via de regra, transita nas obras em espaços secundários que raramente desempenham o papel de protagonistas ou narradoras. Mais uma evidência da luta de classes dentro da obra, silêncio representa também a desigualdade de forças: de uma lado, G.H. tem amplo espaço para comparar Janair como animais e insetos; do outro, a negação do direito de defender-se ou definir-se.

Para se pensar Janair como construção do tipo de desenvolvimento que se promoveu no Brasil, precisamos salientar, porém, além do silêncio e da posição de trabalhadora, a questão racial: Janair é negra. Certos setores da crítica podem ver na acentuação desta característica algum tipo de vitimismo ou enviesamento crítico que desabone a análise que aqui se pretende. Contudo o vocabulário utilizado dentro da obra – que passa por símbolos que remetem à escuridão contrapostos aos que aludem à

clareza – reafirma a necessidade de maior aprofundamento da questão. Esse vocabulário e a leitura dos processos históricos relacionados à escravidão e sua permanência de três séculos produzem ecos pertinentes dentro da narrativa. Não supomos aqui que tais processos tenham sido mecanicamente transpostos para a obra ou que seus reflexos possam ser apontados de maneira rígida e excludente. O que propomos é uma leitura possível, uma nova interpretação dos signos caoticamente dispostos pela autora. Trechos como os que seguem demonstram como a escuridão está ligada a Janair dentro do imaginário de G.H.:

Mas ao abrir a porta [do quarto] meus olhos se franziram em reverberação e desagrado físico.

É que em vez da *penumbra confusa* que esperava, eu esbarrava na visão de um quarto que era um quadrilátero de *branca luz*; meus olhos se protegeram franzindo-se.

Há cerca de seis meses – o tempo que aquela empregada ficara comigo – eu não entrava ali, meu espanto vinha de deparar com um quarto inteiramente limpo.

Esperava encontrar *escuridões*, preparara-me para ter que abrir escancaradamente a janela e limpar com *ar fresco o escuro mofado*. Não contara é que aquela empregada, sem me dizer nada, tivesse arrumado o quarto à sua maneira, e numa *ousadia de proprietária* o tivesse espoliado de sua função de depósito (LISPECTOR, 2009, p. 36, grifo nosso).

A passagem acima deixa claro o embate entre patroa e empregada, bem como a contraposição entre claro e escuro que perpassará todo o romance. É significativo (e revelador) que G.H. esperasse encontrar um quarto escuro, sujo e mofado demonstrando a ideia que fazia da doméstica, a quem julgava incapaz de manter a limpeza do espaço e, ao mesmo tempo, a supunha capaz de suportar aquele ambiente insalubre. Quando se refere ao ato de tirar suas quinquilharias do quarto, G.H. deixa explícita a diferença entre ela e Janair, expondo o que considera um acinte: uma simples empregada se dar direitos de proprietária.

Não buscamos elucubrar quais eram as intenções da autora ou seu nível de engajamento com a questão da exploração e marginalização da mulher negra, mas tão somente analisar aquilo que seu texto evidencia e propõe. Lukács (2009, p. 205), ao se referir a Goethe e Balzac, diz que o bom escritor é capaz de apreender as contradições do sistema vigente ainda que não seja ideologicamente alinhado ou comprometido com a modificação da realidade. A nosso ver, a situação da empregada doméstica brasileira, ainda nos dias de hoje, não está muito distante da de Janair, de maneira que é possível o reconhecimento de Janaires em nosso convívio – assim como Macabea, personagem principal de *A hora da estrela*, repercute, em nosso imaginário de brasileiros, a história de tantas nordestinas reais. Isto posto, uma breve reflexão acerca do Brasil colonial e suas consequências para o projeto de nação que produziu o “Brasil real” de Clarice se faz necessária.

Quando se analisam os processos de construção e abolição da escravatura, vemos que muitas características que são atribuídas a Janair pela narradora estão ligadas de maneira indissociável à condição negra produzida através de séculos de cativeiro e negação de direitos. Sua profissão é a primeira delas, pois se dá em decorrência dos processos de exclusão econômica da população negra, que se evidenciam já nos anos que antecedem a abolição e perduram, de certa forma, até os dias de hoje. Segundo Lúcio Kowarick, no livro *Trabalho e vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil* (KOWARICK, 1987), anos antes da abolição, quando ficou evidente para os grandes produtores de café que a escravidão não perduraria muito tempo, estes fomentaram um movimento de imigração em massa de estrangeiros para ocupar o lugar dos escravos. Com a abolição, tal processo apenas se acentua, assim, quando os negros saem do cativeiro têm duas “alternativas”: se deslocarem para as cidades - nas quais encontram toda sorte de empecilhos quando tentam se inserir no mercado de trabalho - ou ficarem na fazenda exercendo o mesmo trabalho em troca de módicos pagamentos e sob julgo do coronel que, mesmo depois da abolição,

ainda administra sua fazenda de acordo com a lógica e ideologia escravocratas.

O processo de imigração em massa custeado pelo estado teve grandes consequências nas relações de trabalho no Brasil e foi peça fundamental na criação de um mercado de trabalho excludente, pois, ao passo que importava enorme quantidade de trabalhadores de outras nacionalidades para tomar lugar nos postos de trabalho, negou à grande quantidade de negros que já estava no Brasil o ingresso nestes mesmos campos de trabalho. Não há vencedores nessa tática, já que a política de imigração propicia tanto o embranquecimento da classe trabalhadora e com ela a exclusão econômica da população negra, como também mantém a exploração exacerbada e criminosa da mão de obra branca em processos semelhantes à escravidão - tal regime ficou conhecido como “parceria de endividamento”<sup>3</sup> (KOWARICK, 1987, p. 71).

Ainda segundo Lúcio Kowarick (1987), mesmo o processo de industrialização nacional não incluiu o ex-escravo, de maneira que este foi compelido para o trabalho doméstico ou a vida miserável – esta última, mesmo em condições difíceis, representava a forma de resistência e liberdade possíveis. Daí decorre a pecha de vadiagem com a qual esse setor da população se viu estigmatizado durante décadas e que ainda hoje podemos constatar. Para a compreensão da escolha de uma vida miserável como resistência, precisamos primeiro entender o que significava trabalhar no país: a divisão binária entre senhores e escravos produziu uma visão peculiar acerca do trabalho, na qual era considerado coisa própria de escravos e, portanto, indigno. Em outro aspecto, o trabalho dentro destes moldes pressupunha uma relação de poder onde o trabalhador tinha de se submeter a jornadas extenuantes e se sujeitar a uma série de situações de rebaixamento e recorrentes humilhações. Dentro desta realidade, uma vida miserável era saída melhor que o julgo do trabalho, em especial num país cheio de riquezas naturais, onde o alimento podia ser facilmente produzido ou retirado da natureza.

A abolição da escravidão, sem nenhum tipo de iniciativa para a absorção desta mão de obra no novo mercado de trabalho, no qual as relações começam a se assentar num novo paradigma, relegou tal população a uma vida de marginalidade e subempregos, sendo a função de empregada doméstica a mais comum para as mulheres negras.

### **Espaço doméstico: o espaço do conflito**

O espaço reservado para Janair dentro do apartamento é permeado pelas questões apresentadas acima, na medida em que se concebe o quarto de empregada – localizado entre a cozinha e lavanderia de um apartamento, geralmente minúsculo e, como é sutilmente salientado por G.H., depósito de quinquilharias. Trata-se de uma herança escravocrata que visa separar a habitação dos senhores e o alojamento de escravos nos novos espaços em que “senhores” e “escravos” são obrigados a conviver. A descrição do percurso entre cozinha e o quarto demonstra a separação dos espaços reservados a um e outro:

Decidida a começar a arrumar pelo quarto da empregada, atravessei a cozinha que dá para a área de serviço. No fim da área está o corredor onde se acha o quarto. Antes, porém, encostei-me à murada da área para acabar de fumar o cigarro.

Olhei para baixo: treze andares caíam do edifício. Eu não sabia que tudo aquilo já fazia parte do que ia acontecer. Mil vezes antes o movimento provavelmente começara e depois se perdera. Dessa vez o movimento iria ao fim, e eu não pressentia.

Olhei a área interna, o fundo dos apartamentos para os quais o meu apartamento também se via como fundos. Por fora meu prédio era branco, com lisura de mármore e lisura de superfície. Mas por dentro a área interna era um amontoado oblíquo de esquadrias, janelas, cordames e enegrecimentos de chuvas, janela arreganhada contra janela, bocas olhando bocas. O bojo de meu edifício era como uma usina. A miniatura da grandeza de um panorama de gargantas e canyons: ali fumando,

como se estivesse no pico de uma montanha, eu olhava a vista, provavelmente com o mesmo olhar inexpressivo de minhas fotografias. Eu via o que aquilo dizia: aquilo não dizia nada. E recebia com atenção esse nada, recebia-o com o que havia dentro de meus olhos nas fotografias; só agora sei de como sempre estive recebendo o sinal mudo. Eu olhava o interior da área. Aquilo tudo era de uma riqueza inanimada que lembrava a da natureza: também ali poder-se-ia pesquisar urânio e dali poderia jorrar petróleo. (LISPECTOR, 2009, p. 33-34)

A partir da imagem da travessia cria-se uma segunda dimensão no espaço do romance, fortemente marcada pela dualidade da obra, contrapondo mais uma vez o claro e o escuro – a “lisura do mármore” *versus* os “enegrecimentos de chuva” – organizado e caótico, a superfície e o fundo. Segundo a impressão da narradora, tal separação se dá de forma incisiva, assim o quarto se encontra em outro nível, muito acima do resto do imóvel e mais perto do sol, que o invade com fúria e persistência, ressecando tudo que encontra. Além dessas contraposições, tais imagens criam uma dualidade entre o natural, representado pela desordem enegrecida da área de serviço, e a fachada ornamentada, organizada, alva e plácida que apresenta a frente do apartamento. Tal divisão ultrapassa a questão do espaço físico e situa as personagens em seus devidos espaços sociais: o território de G.H. é a parte frontal do edifício, enquanto o da empregada é esse todo caótico dos fundos. Mais do que apenas vincular personagens e práticas à área em que vivem, esta estratificação serve para evidenciar o afastamento das realidades de cada uma delas. O fato de isto se dar em um espaço tão reduzido como um apartamento apenas faz aumentar o sentido de desigualdade.

O espaço também evoca a questão racial ligada às personagens: a oposição entre a fachada branca “como a lisura do mármore e lisura da superfície” (LISPECTOR, 2009, p. 34) e a parte interna cheia de símbolos de desorganização e “enegrecimentos de chuva” (Id.; Ibid., p. 34), sendo que a primeira se destina à patroa e a segunda à

empregada: o quarto de empregada é a própria contraposição à cobertura bem decorada e com móveis abundantes, possuindo apenas uma cama estreita, um armário ressecado, uma gravura feita a carvão na parede, o sol e uma barata. O sol é um símbolo recorrentemente usado na descrição do local, e ligado a ele sempre vem o incômodo da narradora a seu respeito. Tal elemento confere ao quarto aridez e claridade perturbadoras que contrastam com o ambiente, perpassado por sombras e umidade, criado artificialmente no resto da casa.

Essa contraposição dos espaços vem para potencializar a relação do elemento sol e a realidade: seu poder revelador é domesticado no interior do apartamento, mas no quarto de empregada se encontra em toda sua virulência, não permitindo assim a manutenção de vida, a não ser a da barata. G.H. chega mesmo a evocar a imagem de deserto na descrição do espaço, utilizando a imagem da cascavel para evocar os perigosos bichos que o habitam e nele se camuflam. Este caráter indômito e inóspito do quarto possibilita a transgressão da personagem ao separá-la de forma abrupta de seu habitat; ali ela se coloca em contato com o que não é réplica de uma vida. Não há, literalmente, lugar para se esconder da causticante luz do sol neste espaço; assim não há como escolher “não ver”, de forma que o invisível venha à luz. O adorno fútil é substituído por móveis com funções práticas bem definidas, a secura da vida desfavorecida é assim caracterizada neste espaço. O fato de tudo ter uma função e estar desgastado pelo uso e pelo sol faz com que o único ponto de beleza seja a barata, pois esta ainda sobrevive em ambiente tão hostil.

Absolutamente tudo no quarto aponta para a secura: o armário é caracterizado como esturricado, empenado pelo sol de tal maneira que se abria em farpas e gretas; a parede foi admoestada pelo sol o dia todo durante os seis meses de Janair no local, e assim desbotou-se ainda mais. Além disso, a cama, sem lençol que lhe permitisse delicadeza e umidade, era composta de um colchão empoeirado com pano podre de tão seco no qual viam-se manchas de “suor ou sangue

aguado” (LISPECTOR, 2009, p. 41). As malas de G.H. também estavam no quarto, mas não “pertenciam” ao espaço e por isso a personagem não lhes dava grande atenção em sua descrição. Esses objetos eram também usados pela proprietária para manifestar, ao menos simbolicamente, o domínio do espaço, já que as malas possuíam suas iniciais gravadas. Dessa forma, Janair não possuía nenhum lugar fora do alcance da personalidade da patroa, como se ela fosse onipresente em todo centímetro do apartamento. Uma passagem feita pela narradora caracteriza o quarto de maneira exata e reforça ainda mais o caráter antagônico dos espaços: enquanto o apartamento era uma construção onde umidades, sombras e ricos móveis compunham uma elegância sem tamanho, “o quarto era o retrato de um estômago vazio” (Id.; Ibid., p. 42), sintetizando assim sua miséria e escassez. A única “peça” a quebrar este ressecamento é a barata com seu fluído branco, úmido e manducável.

Outro elo de ligação entre a empregada e a escravatura é a objetificação a que a narradora sujeita Janair: assim como o escravo era julgado um objeto de uso pessoal de seu senhor, ela transita na obra como mais um dos objetos que G.H. possui, sem ideologia, sem identidade e, até certo momento da narrativa, sem nome e forma. É sempre necessário salientar que essa ausência de forma se dá por conta de G.H. ser quem constrói sua imagem e personalidade, contaminando a percepção acerca dela. Essa função, de objeto despersonalizado, destinado apenas a cumprir ordens de G.H., é rompida quando esta desenha um mural na parede do quarto, fruto de sua criatividade e tempo livre, o que provoca um grande choque para a personagem principal. As três figuras do mural ocupam o quarto e impedem a entrada de G.H. no recinto por alguns minutos, invertendo brevemente a posição das duas na obra e tornando Janair a senhora da situação por um efêmero momento. Sua demissão constitui o derradeiro rompimento com a relação de posse a que era submetida, ecos de resistência do povo negro ao se negar a trabalhar em condições degradantes após a abolição, como foi apresentado parágrafos acima.

De acordo com Roberto Schwarz (2000), o mundo escravocrata, com sua lógica binária, produz do mesmo modo a figura do agregado que, em última análise, também guarda semelhanças com a situação de Janair. O agregado representa o ser livre que não é nem senhor e nem escravo, pois, mesmo que se dedique a profissões liberais, não detém terras ou outros meios de produção. Vê sua existência atrelada ao favor do senhor, que se consolida como uma instituição do período, dependendo da sua boa vontade para todas as coisas, das mais básicas as mais importantes, mesmo tendo formação profissional (SCHWARZ, 2000, p. 16). Essa relação, um tanto promíscua, em que se misturam a prestação de serviços e os vínculos familiares, perpassa o vínculo de Janair e G.H. por ocorrer no espaço doméstico e também por Janair ser obrigada a morar no local de serviço, o que altera alguns rigores importantes da relação trabalhista. Os horários de entrada, saída e de intervalos para refeições não são claramente fixados, seguindo a conveniência e o ritmo de vida do patrão, e isso constitui o ponto mais claro dessa “fluidez” do espaço doméstico. Mesmo as folgas e relações pessoais do empregado em suas horas livres também sofrem as consequências dessa correlação que escamoteia a prestação de serviços com a familiaridade entre patrões e empregados. A ideia de que a empregada é “quase da família” acaba por justificar diversos abusos e descumprimentos dos direitos das empregadas domésticas. Além de ser submetida a este tipo de relação, Janair também é construída de maneira animalesca, fato facilmente associado com os preceitos racistas que criaram estereótipos do negro relacionando seus traços e costumes a animais. Este aspecto será aprofundado no tópico a seguir.

### **Janair e a barata: retrato da trabalhadora enquanto inseto**

A imagem de Janair, criada através das descrições feitas por G.H., apresenta sempre um vocabulário no qual predominam as

palavras referentes à escuridão e à cor preta, em frases nas quais seus traços africanizados são destacados. Isso reforça a necessidade de analisá-la considerando o processo excludente a que o negro foi submetido em terras brasileiras e estabelecer relação com um elemento importante da narrativa, a barata. À primeira leitura, o trecho que segue pode passar despercebido e a relação com a barata não ser evidente, porém palavras como “escura” e “invisível”, usadas no texto, já remetem tanto à questão da cor da personagem quanto à posição social que ocupa. A empregada, até então, era praticamente ausente da memória da patroa:

Foi quando inesperadamente consegui rememorar seu rosto, mas é claro, como pudera esquecer? reví o rosto *preto e quieto*, reví a *pele inteiramente opaca* que mais parecia um de seus modos de se calar, as sobrancelhas extremamente bem desenhadas, reví os traços finos e delicados que mal eram divisados no *negror apagado* da pele.

Os traços – descobri sem prazer – eram traços de rainha. E também a postura: o corpo erecto, delgado, duro, liso, quase sem carne, ausência de seios e de ancas. E sua roupa? Não era de surpreender que eu a tivesse *usado* como se ela não tivesse presença: sob o pequeno avental, vestia-se sempre de *marrom escuro ou de preto*, o que a tornava toda *escura e invisível* – arrepiei-me ao descobrir que até agora eu não havia percebido que aquela mulher era uma invisível. Janair tinha quase que apenas a forma exterior, os traços que ficavam dentro de sua forma eram tão apurados que mal existiam: *ela era achatada como um baixo-relevo preso a uma tábua* (LISPECTOR, 2009, p. 40, grifo nosso).

A coloração escura escolhida para Janair lembra a característica cromática da barata e ao mesmo tempo simboliza e acentua sua posição social, cor de pele e o apagamento social resultante da soma destes fatores. A constatação a que G.H. chega acerca de sua invisibilidade também pode ser lida como uma semelhança entre empregada e barata, pois o inseto se desenvolve nas frestas e lugares escondidos, como a própria narradora deixa claro; a barata da narrativa, por exemplo, estava incógnita dentro do armário do quarto

de empregada. Nesta passagem, é introduzido um dos sentidos mais fortes relacionados à barata e também à Janair: a marginalidade. A invisibilidade de Janair se liga a esta marginalidade própria da barata, por isso este aspecto começa a ser introduzido na obra a partir da descrição da doméstica. A escuridão da empregada não se resume a suas roupas, pelo contrário, suas vestimentas parecem aprofundar sua escuridão própria, mesclando-se à pele. Também aumenta o sentido de identidade entre barata e Janair o fato de a barata ter aparecido justamente em seu antigo quarto e um trecho em que G.H. constata que “a barata e Janair eram os verdadeiros habitantes do quarto.” (LISPECTOR, 2009, p. 48), como se elas fossem iguais, da mesma espécie e habitassem um espaço à parte já não mais integrante do apartamento.

Neste sentido, características como sua magreza, ausência de seios e ancas são signos que se ligam, duplamente, primeiro à miséria e, a seguir, à barata quando a imagem desta é construída algumas páginas depois. A imagem enfatiza a forma compacta da barata, criada através da sobreposição de finas cascas pardas; a proximidade de Janair e a barata se torna cada vez mais explícita, como podemos ver na seguinte passagem:

A barata não tem nariz. Olhei-a, com aquela sua boca e seus olhos: *parecia uma mulata à morte*<sup>4</sup>. Mas os olhos eram radiosos e negros. Olhos de noiva. Cada olho em si mesmo parecia uma barata. O olho franjado, escuro, vivo e desempoeirado. E o outro olho igual. Duas baratas incrustadas na barata, e cada olho reproduzia a barata inteira (LISPECTOR, 2009, p. 55; grifo nosso).

Quando analisamos paralelamente as caracterizações de Janair e da barata a recorrência de certos símbolos e imagens tornam-se notórios: a magreza, os tons escuros, a invisibilidade, a marginalidade, a questão feminina e negra. Existem, também, os caracteres que são salientados na barata, mas sequer mencionados

em relação à Janair, fruto da desumanização desta e humanização daquela: enquanto não encontramos menção sobre a boca e os olhos da empregada, a barata tem esses órgãos descritos repetidas vezes; ao mesmo tempo que G.H. não se aprofunda na descrição psicológica de Janair, vemos grande parte do romance dedicada à exposição e ao aprofundamento de caracteres físicos e psicológicos da barata – essa inversão de posição, em que um inseto recebe mais espaço e importância que um ser humano, pode ser lida de maneira mais ampla, transparecendo a desumanização a que certos setores da sociedade estão sujeitos.

Janair é descrita quase como uma sombra, e sua magreza alinha-se com sua invisibilidade, enquanto a barata, mesmo sendo compacta, provoca um asco que impede que lhe ignorem a presença. Os mesmos tons escuros que impedem que G.H. note Janair forçam a visibilidade da barata, e a possibilidade de romper as camadas do inseto com as unhas não existe para romper o silêncio da empregada, assim como não há interesse de fazê-lo. Os olhos da barata são multiplicados através de suas franjas, capazes de romper a barreira da repugnância e chamar a atenção da personagem principal. Sua boca bem delineada, mesmo sem pronunciar som algum, foi capaz de também romper o silêncio, coisa que não foi possível a Janair. Em um período de seis meses, as personagens conviveram diariamente sem que G.H. notasse o rosto e os traços de sua “auxiliar”. Entrementes, o encontro com a barata foi brusco o bastante para que ela fosse humanizada: “Um instante antes talvez eu ainda tivesse podido não ter visto na cara da barata o seu rosto.” (LISPECTOR, 2009, p. 54) Através desta passagem vemos a quebra da típica rotina de ignorar de G.H.

Essa aproximação de Janair com a barata em detrimento de uma relação de proximidade entre patroa e empregada, não se dá de maneira fortuita, mas sim como índice de reificação da trabalhadora doméstica. Isso se evidencia de forma definitiva na utilização do verbo “usado” para se referir ao tempo que Janair

prestou serviços em sua residência. Aqui fica claro que ela não é considerada ser humano, mas objeto útil e descartável. Este processo se amplia pelo paradoxo: enquanto o ser humano é tido como coisa, a barata humaniza-se: “[...] vista de perto, a barata é um objeto de grande luxo. Uma noiva de pretas joias. É toda rara, parece um único exemplar.” (LISPECTOR, 2009:70). Essa contraposição amplifica sensivelmente o estado de desumanização em que se encontra Janair e seus semelhantes: “O inferno, porque o mundo não me tinha mais sentido humano, e o homem não me tinha mais sentido humano. E sem essa humanização e sem a sentimentalização do mundo – eu me apavoro”. (Id.; Ibid., p. 70). Esse é, sem dúvida, um dos aspectos pelos quais o social se faz presente na obra e alastra seus sentidos possíveis.

Essa relação, na qual uma das partes compra a força de trabalho da outra e “lhe usa” - para empregar as palavras de G.H. – como se o ser humano por trás dessa força de trabalho não existisse, encontra suas bases na ideologia capitalista que preconiza a centralidade da mercadoria e dissimula as relações entre homens em todo produto ou serviço. A estrutura da relação mercantil é o protótipo das formas de objetividade que se tornaram subjetividade na sociedade burguesa, como nos diz Lukács (2003, p. 193-194) sobre o processo de reificação decorrente das relações capitalistas. De acordo com Marx (apud LUKÁCS, 2003, p. 200), a característica mais forte da época capitalista é o fato de a força de trabalho ter sido transformada em mercadoria e esta ser trocada como se mera coisa fosse: destituído dos meios de produção, o trabalhador, na busca de seu sustento, nada mais pode fazer além de vendê-la ao detentor dos meios de produção; é nesse momento que a forma mercantil se generaliza atingindo mesmo o ser humano, afetando também as relações subjetivas da sociedade.

Com o passar dos anos e os avanços da forma de produção capitalista, tais relações se intensificam, se naturalizam e se multiplicam. Assim, vender sua própria mão de obra passa a ser a

condição de vida de uma grande parcela da população que, geração após geração, a perpetua. Este paradigma transforma o indivíduo subtraindo-lhe a autonomia sobre seu próprio ser, transformando sua personalidade em “espectador impotente de tudo que ocorre com sua própria existência, parcela isolada e integrada a um sistema estranho” (LUKÁCS, 2003 p. 205). Se entendermos a escravidão como uma forma oficializada de reificação, passamos a constatar que ela continua vigente, de maneira dissimulada, e permanece influenciando profundamente a obtenção de direitos dos negros e das negras brasileiros séculos depois da abolição.

Alicerçados nessas reflexões, vemos na caracterização da personagem e situação vivenciada por ela na trama, uma espécie de fotografia da situação da empregada doméstica no Brasil não só dos anos 60, quando a obra foi publicada, mas também dos dias de hoje: negra, invisível, silente, marginalizada e objetificada. Nesse retrato, os espaços para o surgimento e desenvolvimento de uma personalidade humanizada são sufocados, pois nela só há espaço para a perspectiva de G.H. a respeito de Janair, como é frequente, pois geralmente é a classe senhorial que conta a narrativa e a história do país. A imagem depende, indiscutivelmente, do enfoque que a fotógrafa escolhe dar, assim o espaço da empregada doméstica foi construído de forma similar ao claustro.

O cativo de Janair é o quarto abafado e abarrotado, mas o cativo do negro toma formas diversas em *terras brasilis* com o transcorrer da história. Ele vai das correntes da senzala à criação e manutenção de sistemas excludentes mais sofisticados, tais como o engendramento de um mercado de trabalho que lhe obrigue a aceitar as piores condições, funções e salários. Outro tipo de cativo é a negação ou inibição do direito à educação emancipadora e de qualidade, bem como inviabilização de sua permanência uma vez que o acesso tenha se dado<sup>5</sup>; e, por fim, caso as medidas “sutis” não surtam o efeito esperado, a criação e manutenção de forte aparelho policial repressivo alinhado à justiça criminal promovem o

encarceramento em massa da população negra com vistas à perpetuação do *status quo*<sup>6</sup>.

## Considerações finais

*A paixão segundo G.H.* é um romance em que vários níveis de leitura podem ser encontrados, característica fundamental da forma do romance que se constrói como um labirinto de significados no qual cada novo ingresso cria um novo caminho – o texto parece revelar novas faces a cada leitura, de maneira que a cada enfrentamento pareça uma nova obra. É necessário lembrar o que significa a paixão de G.H., uma clara alusão ao martírio de Cristo rumo à crucificação, concedendo viés trágico e de tormento a tal travessia. Durante o percurso de seu calvário, a personagem principal é obrigada a enfrentar questões a princípio subjetivas, mas que a conduzem ao perigoso ato de “lançar [sua] consciência de vida exterior a um ponto de crime contra [sua própria] vida pessoal” (LISPECTOR, 2009, p. 29), ou seja, se identificar com o outro a ponto de, como já prenuncia em uma das epígrafes da obra, não haver mais um “eu mesma” para morrer, pois o “eu” e o “outro” se tornaram a mesma coisa – é isso que G.H. busca ao comer a matéria branca e insossa da barata.

A consciência dessa vida exterior se dá pelo olhar de Janair, por sua presença fantasmática, pelo mural que pintou na parede e pela barata que habita seu espaço forçando G.H. a experimentar pela primeira vez um olhar que vinha de fora de seu círculo de convivência (Id. Ibid. p. 40). É por meio dessa experiência que a patroa se depara com um mundo de invisibilidade, silêncio e marginalidade, já que a memória de Janair faz emergir algumas mazelas sociais. A utilização farta de metáforas e imagens para se desvelar tais questões impede que a obra assuma um tom panfletário, criando por meio dessas descrições um número indizível de possíveis conexões e caminhos interpretativos, um caos entre alusões a questões sociais e do ser

humano individual através do qual a personagem martirizada compreende a impossibilidade de desassociação entre o eu e o outro: “Eu era aquela a que o quarto chamava de ‘ela’. Ali entrara um eu a que o quarto dera dimensão de ela. Como se eu fosse também o outro lado do cubo, o lado que não se vê porque se está vendo de frente.” (Id. Ibid. p. 59).

Essas inúmeras possibilidades interpretativas vão se mostrando cada vez mais presentes, talvez sejam elas que outorguem à obra essa capacidade admirável de se manter atual e cativar um enorme número de leitores através dos tempos. A leitura aqui proposta representa uma nova forma de se abordar Clarice, respeitando a potência de sua obra e dedicando esforço necessário ao desvelamento de novos significados. A capacidade sintética da autora se revela quando ainda nos dias de hoje encontramos conexões possíveis entre a temática da obra e a realidade; sua capacidade criativa concebe um romance em que questionamentos de todas as ordens surgem e se chocam entre si. Ao demonstrar qual era o espaço de Janair segundo a expectativa de sua patroa, Clarice questionou o lugar que a massa de mulheres que exercem a profissão de doméstica (cuja maioria é negra, conforme anteriormente exposto) ocupa, a qual tipo de vida são compelidas e em quais condições exercem sua cidadania: o quarto abafado, cheio de quinquilharias, nos fundos do apartamento, junto com a área de serviço em que tudo se organiza segundo negros de chuva e o dispor caótico de janelas, onde se devia dormir, encolhida entre bagunças, numa cama esfarrapada e sob a constante vigilância das valises com as iniciais da patroa.

Por fim, o fato de G.H. experienciar sua identificação completa com o outro especificamente no local destinado a servir como dormitório de Janair, esse vácuo grosseiro em que se vê a miséria de um estômago vazio, onde tudo é despido de adorno e só apresenta utilidade prática. Esse universo tão diferente da elegância de sombras e umidade que se esforçara durante toda a vida para criar em seu apartamento-redoma. O mesmo local que foi testemunha do calvário

de Janair é também palco da paixão de G.H. que, ao invés de caminhar e alcançar a morte, conquista outro nível de consciência, afinal o percurso de sua via-crúcis tirou-lhe a terceira perna – “Essa terceira perna eu perdi. E voltei a ser um pessoa que nunca fui.” (LISPECTOR, 2009, p. 10) – permitindo que a nova G.H. caminhe livre enfim.

## Referências

- GIMENES, O. M., OLIVEIRA, C. R., OLIVEIRA, G. S., SANTOS, A. O. “A história da educação de negros no Brasil e o pensamento educacional de professores negros no século XIX.” In: *Congresso Nacional de Educação: Educere*, Xi. 2013. Paraná: PUC. 2013
- “Levantamento nacional de informações penitenciárias”, atualização junho de 2016. Brasília- DF. 2017. Disponível em: [http://www.justica.gov.br/news/ha-726-712-pessoas-presas-no-brasil/relatorio\\_2016\\_junho.pdf](http://www.justica.gov.br/news/ha-726-712-pessoas-presas-no-brasil/relatorio_2016_junho.pdf) Acesso em 25/06/2018
- LISPECTOR, C. *A paixão segundo G.H.*. Rio de Janeiro: Rocco. 2009
- LUKÁCS, G. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes. 2003
- \_\_\_\_\_. *Arte e sociedade – Escritos estéticos 1932-1967*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009
- KOWARICK, L. *Trabalho e vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil*. São Paulo: Brasiliense. 1987
- RODRIGUES, J. B. *Racismo e evasão escolar*. Porto Alegre: UFRGS, 2014
- SCHWARZ, R. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas cidades. 2000
- WAISELFISZ, J.J. “Mapa da violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil”. Brasília: D.F. 2015. Disponível em: [https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia\\_2015\\_mulheres.pdf](https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf) . Acesso em 25/06/2018.

## Notas

<sup>3</sup> O primeiro regime de trabalho era o chamado “parceria de endividamento” e consistia em um engodo através do qual os cafeicultores pagavam parte das despesas para que este colono chegasse ao país e essa dívida transformava o colono em cativo até que saudasse aquilo que devia ao fazendeiro. Alguns mecanismos eram utilizados para impedir que tal quitação se desse, assim como outros eram usados para diminuir a liberdade do mesmo até que deixasse de dever. Fonte: *Trabalho e vadiagem- A origem do trabalho livre no Brasil*.

<sup>4</sup> A associação entre a barata, a mulata e a morte pode ser compreendida como alusão à banalidade dos óbitos de mulheres negras. Novamente o mundo diegético encontra ecos no Brasil real contemporâneo no qual o número de assassinatos de mulheres brancas cai 10% enquanto o de mulheres negras sobe 54%. Fonte: Mapa da violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil- estudo realizado pela faculdade Latino Americana de Ciências Sociais (FLACSO).

<sup>5</sup> O ingresso do negro na escola, sua permanência e relação com a educação escancaram o caráter irônico presente nas formas de inclusão do negro na sociedade como um todo. Durante boa parte do período escravocrata a educação era proibida aos negros escravizados, podendo os alforriados assistirem a aulas em escolas que não fossem públicas – ou seja, dependendo da boa vontade do professor em ministrar aulas. Em 1878, por meio do decreto 7.031, o escravo passou a poder assistir às aulas, porém apenas no período noturno, contando com a autorização do senhor e as condições físicas depois de um dia extenuante de trabalhos forçados – o que dificultava de maneira absurda seu acesso e permanência. Raros educandários lecionavam também para crianças pretas e pardas, mas as informações acerca destas exceções são muito difíceis de encontrar. Fonte: A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE NEGROS NO BRASIL E O PENSAMENTO EDUCACIONAL DE PROFESSORES NEGROS NO SÉCULO XIX. A escola, que hoje abriga a população negra, foi construída dentro dessa lógica de exclusão que se traduz – juntamente com outros fatores ligados à questão como a estrutura familiar e ingresso precoce no mercado de trabalho – nos altos índices de evasão escolar que essa parcela da população registra. Fonte: Racismo e evasão escolar

<sup>6</sup> De acordo com o relatório do Infopen – Sistema integrado de informações penitenciárias – enquanto a população negra corresponde a pouco mais de 50% da população nacional total, nos presídios ela abarca 64% dos presos em 2016. Fonte: Levantamento de informações penitenciárias, atualização junho de 2016.

RECEBIDO EM 30/07/2018

APROVADO EM 16/11/2018